

CULTURA INCA NO BRASIL?

Omar Carline Bueno¹

Em 1976 estava trabalhando em Miranda-MS, coletando dados para a confirmação da tese “de que o Pantanal já foi mar”.

Os geólogos descobriram que há mais de 300 milhões de anos o Pantanal esteve recoberto pelo mar. Existem provas e essas, abundantes: restos de animais marinhos, camadas sedimentares, salinas e barreiros, que são pastagens de barro salgado.

No levantamento de informações (narrativas) sobre a história da região, o topógrafo Celso Ferdinando Thiry relatou que havia encontrado pedra onde não deveriam existir.

Thiry era grande conhecedor daquelas paragens, justamente em decorrência de seu serviço como agrimensor. Contou que há 20 anos esquadrinhava a área e entre seus achados estavam muralhas com inscrições e pedras com indicações, inclusive setas direcionais, na Serra da Bodoquena. Na narrativa mencionara uma região plana, sem pedras, na qual estaria situado um suposto cemitério e onde o proprietário da fazenda teria encontrado uma ossada humana de tamanho além do normal. Batizamos o local de “Cemitério de Gigantes”. Um dos fatos que chamava a atenção era a existência de pedras formando círculos, rodeando o que deveriam ser túmulos. A região era plana e as pedras somente existiam a uma distância de três mil metros, aproximadamente.



Para esse técnico, essas pedras foram levadas para esse local, trazidas de muito longe.

¹ Pós-graduado (Lato sensu) Arqueologia Pública (Sustentabilidade e Políticas Públicas) - UNICAMP.

Isso deixou-nos intrigados e fomos verificar o fenômeno. Ao analisarmos o local constatamos que as pedras formavam um círculo e ao mapearmos o local visualizamos com clareza uma sepultura, na qual encontramos três tipos de cerâmica. Uma delas toda trabalhada e desenhada com a pressão de cordéis.

Num primeiro momento realizamos uma comparação dessa peça com o artesanato Inca e constatamos grande semelhança entre as peças.

A comparação foi feita utilizando-se peças catalogadas no Museu Nacional de Antropologia e Arqueologia do Instituto Nacional de Cultura do Peru.

Posteriormente, o Dr. Desidério Aitay, antropólogo e arqueólogo, realizou análise sobre essa peça colhida e confirmou nossa constatação. A partir daí procuramos verificar a semelhança entre a peça em questão com a do artesanato da cultura Kadiwél, material conseguido na FUNAI de Miranda-MS, constatando também semelhança entre as peças.

Contudo, após pesquisas e levantamentos pela região, descobrimos que os Kadiwéis até hoje desenvolvem esse tipo de cerâmica em reservas mantidas pela FUNAI.

Mas por que tal semelhança com o artesanato Inca?

Qual a relação dos Kadiwéis com os Incas?

1873

O DESAPARECIMENTO DE UM TERÇO DO POVO INCA

O desaparecimento de um terço do povo inca durante o domínio espanhol sempre intrigou os historiadores e arqueólogos.

Em 1976, durante escavações no sítio arqueológico denominado Cemitério de Gigantes - MS, encontramos alguns cacos cerâmicos que lembram o artesanato Inca. Os desenhos foram feitos com a pressão de cordéis no barro ainda mole.



Levantamentos posteriores nos fizeram confrontar a peça com a cerâmica Kadiwel.



Continuamos a busca e descobrimos que os Kadiwéis descendem dos Guaicurus. Guaicuru, na língua Kadiwel significa "foram pra longe".

Como surgiu essa divisão?

Segundo o então Comandante Ten Cel Raymundo Miranda (1976), do 9.º Batalhão de Engenharia de Combate de Aquidauana - MS, os Kadiwéis descendem dos Guaicurus que vieram dos Andes não se sabe quando. Ainda segundo ele, os Guaicurus ajudaram o exército brasileiro durante a guerra do Paraguai que aconteceu em outubro de 1864. Incrivelmente, eles conheciam o cavalo e, apesar de não usarem armas de fogo, tinham conhecimento delas. Sua cavalgada era na parte lateral do cavalo, como que para se protegerem dos arcabuzes e mosquetes, atirando suas lanças por baixo do pescoço do cavalo.

Em 1978, continuando as escavações no mesmo sítio arqueológico, exumamos outras peças de interesse. Além, das peças de cerâmica, encontramos peças de utensílios pessoais como contas de colar, pulseira, anel, brincos (tem a forma de um sol com uma meia lua como pingente, dois pares e ambos de prata) e ainda uma "moeda", mais semelhante a um brasão de família.



Quanto às contas de colar, eram de ouro 24, coisa que, definitivamente o índio brasileiro não trabalhava, pois desconhecia a metalurgia. Interessante, que as miçangas de uma suposta pulseira, eram de uma espécie de louça, muito usada pelos espanhóis. Ora, sabemos que os espanhóis dominaram os Incas. Mas sabemos também que uma terça parte deles desapareceu durante o domínio espanhol.

O anel, também encontrado nas escavações, carrega pingentes com um trabalho em prata. Supostamente de uma menina entre 13 e 16 anos, até hoje é feito pelos nativos na Bolívia.

A moeda ou brasão de família é de xisto e mica verde e com um buraco no meio, pois os incas não usavam bolso e carregavam suas "moedas" em fios como tiara. Ora, o índio brasileiro não plantava o milho, mas sabemos que os Incas sim. Chegaram até a desenvolver uma espécie de milho híbrido.

O brasão é semelhante aos encontrados por Hiran Bingham na descoberta de Machu Pichu (Waisbard. S - 1974). Em baixo relevo, pode-se ver nitidamente o desenho estilizado de espigas de milho, base da alimentação inca, desconhecido aos índios brasileiros da época.

Os brincos (dois pares), também de prata, ganharam um interesse especial devido sua forma representando ambas as divindades, sol e lua.



No decorrer das pesquisas, levantamos que os Incas tinham contato com tribos da floresta amazônica: os Manáries e os Michiguengas. Quando o último imperador Inca "Manco Capac" fugiu com sua elite, buscou ajuda dessas tribos.

Os espanhóis contrataram mercenários para caçarem o Inca. "Manco Capac" foi morto e sua cabeça ficou exposta na praça principal de Quito (Waisbard. S - 1974). Contudo, grande parte da população havia desaparecido. Essa parte da população nunca foi encontrada. Será que foram eles que originaram os Guaicurus?

Havia ainda as histórias sobre a Fazenda Miranda Estância contadas por Celso Thiry. Nessas histórias falava-se de casas e muralhas de pedras.

Em 1984, buscando a nascente do rio Salobre, no ponto mais alto da Serra da Bodoquena, denominado por nós de ponto 708, encontramos um marco delimitatório. Era de mármore preto e tinha uma inclinação de 4 graus noroeste. Tinha a mesma largura em toda a sua extensão. Seguindo a inclinação desse marco, encontramos outro.



Voltamos para a cidade de Miranda, ponto inicial e encontramos, com a ajuda de um curandeiro, uma seta de pedra.



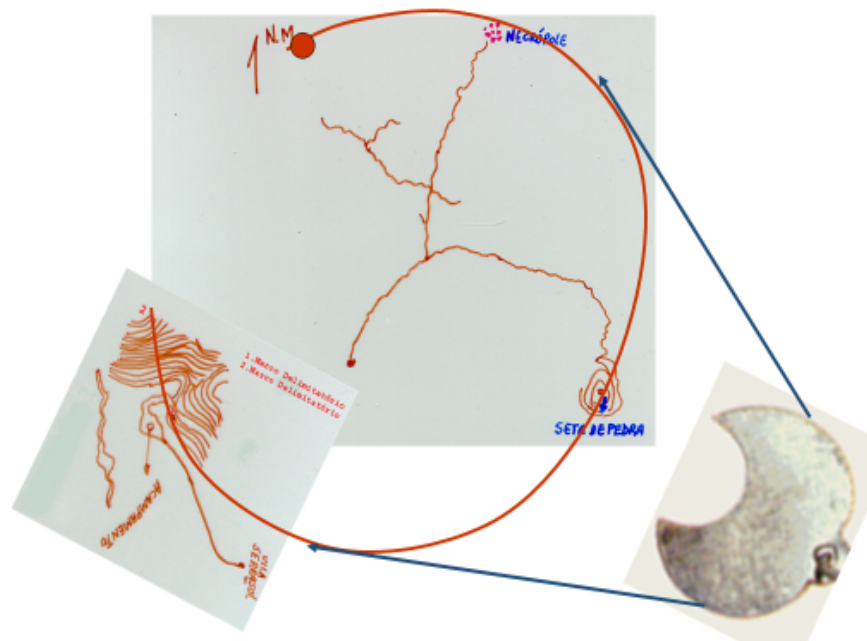
Sabíamos que a civilização que erigira esses indicadores, deveria ter deixado resquícios de aldeamento. Tentamos analisar os mapas efetuados durante as incursões, ao longo de dez anos, desde a análise de temperatura na região - possibilidade de atingir 0°C , com mínimas entre 8 e 14°C . Em seguida, identificamos as regiões já pesquisadas. As pesquisas envolviam o eixo Miranda-MS / Bonito-MS.

Miranda fica no funil do Pantanal e Bonito no pé da Serra da Bodoquena.

Em nossas incursões, contamos com a colaboração do Sarg. André Júlio Szabo, do Batalhão de Comunicações do Exército, que ficou responsável pelo mapeamento.

Em 1986, portanto dez anos após a descoberta da necrópole, acoplávamos às pesquisas os marcos delimitatórios e a seta de pedra. Procuramos deixar visíveis apenas os caminhos que nos levaram a algum ponto especial. Estranhamente, os pontos de interesse (necrópole, marco delimitatório 1, marco delimitatório 2 e seta de

pedra), formavam parte de um desenho facilmente identificável na maioria dos utensílios artísticos dos Incas, incluindo os pares de brincos que tínhamos em mãos.



A necrópole ficava na Fazenda Bela Vista onde estava o único morro da região e de onde foram levadas as pedras para enfeitar as sepulturas. O morro fazia divisa com a Fazenda Miranda Estância onde havia uma floresta muito fechada que podia ser vista do alto do morro. Deduzimos que faltava um ponto para completar o desenho. Falávamos de uma meia-lua, que era o pingente dos brincos de prata.

Ainda em 1986, partimos em busca do que denominamos Ponto M.

Os guias, que nos acompanharam, faziam caçadas naquela floresta e já haviam passado por muros de pedra semi-soterrados. Nos falaram de um sabre, um elmo e dobrões espanhóis encontrados por eles o que prova a relação dos construtores desses edifícios com os espanhóis antes da guerra do Paraguai.

Entramos na floresta e encontramos um riacho. Numa das curvas do rio, na margem direita, os primeiros vestígios de construções. Seria de uma antiga civilização? Semelhante a uma trincheira, enormes blocos de pedregulho misturados à argamassa. Abaixo, um buraco, onde nitidamente se observava colunas de tijolos. Tijolos de diferentes tamanhos que se aprofundavam terra adentro. Por toda a volta da pequena vala de pedras e tijolos, cacos de telhas; inúmeros. Alguns quase inteiros mostravam claramente que estávamos sobre antigas construções. Talvez construções da época em que o Brasil estava em guerra com o Paraguai.



Partimos em busca das tão faladas casas de pedras. À frente deparamos com uma verdadeira trilha cavada no solo, capaz de encobrir um homem. Será que foram trincheiras usadas durante a guerra do Paraguai? Caminhamos por dentro dela aproximadamente 500 metros. Depois, com uma quebra de 90 graus, ela seguia numa reta só. Eram os limites das tais construções de pedras.

Muralhas de pedras, semi-soterradas, demonstravam a existência de uma civilização mais antiga do que a guerra do Paraguai. Contudo, eram novamente pedras em um lugar onde não existiam pedras. Aquelas pedras haviam sido trazidas de longe. A necrópole não ficava a mais de 5 quilômetros em linha reta. As mesmas pedras que enfeitavam as sepulturas do “Cemitério de Gigantes” formavam as muralhas. Dentro dessas ruínas, árvores muito antigas.

As ruínas encontradas demonstravam a similaridade com a arquitetura Inca.



Supostamente, os vestígios encontrados são de origem inca e os mesmos vieram para o Brasil durante o domínio espanhol.

Parte da população teria fugido utilizando um caminho pela serra da Bodoquena originando os Guaicurus e como consequência os Kadiwéis.

O caminho está aberto. Hoje eu não penso em retornar naquelas paragens, até por conta de recursos indisponíveis, mas coloco nosso trabalho à disposição de toda e qualquer instituição ou mesmo profissional qualificado que queira dar continuidade.

Prof. Omar Carline Bueno
Arqueologia Pública (UNICAMP)